

**"O PAPEL DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SEXUAL DA CRIANÇA"**

99

95/II

**UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

TRABALHO MONOGRÁFICO

**“O PAPEL DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SEXUAL DA CRIANÇA”**

**ANA PAULA MAZZA BAUMEIR
MATRÍCULA N° 911351004**

DEZEMBRO, 1995

**“O PAPEL DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SEXUAL DA CRIANÇA”**

**Professora Orientadora: SANDRA ALBERNAZ DE MEDEIROS
Professor da Disciplina Monografia II : GILDA GRUMBACH
Professor Leitor da Monografia: VALÉRIA WILKE**

**O Caminho não está feito
Ele se faz ao andar**

(Anônimo)

AGRADECIMENTO

Creio que cada pessoa que passa por nossas vidas deixa em nós um pedacinho de si mesma. Assim, depois de Deus, é com os outros que vamos nos construindo.

Este trabalho representa um marco final quanto inicial de mais uma etapa de minha vida, seria injusta pois agradecendo a uma só pessoa. Gostaria então de agradecer à alguns dos muitos que cruzaram o meu caminho.

**Em primeiro lugar agradeço a meus pais e familiares, por estarem aonde sempre deveriam;
AO MEU LADO!!**

Em seguida ao Juca, pelo apoio, carinho e compreensão nos momentos de tensão e ataques de "pitis".

A minha orientadora Prof^a Sandra Albernaz de Medeiros, pela sua paciência, serenidade e lucidez para comigo, já que não fui sua orientanda e sim desorientanda, desorientada!!

Não poderia deixar de agradecer a turma mais sensacional e maravilhosa do mundo que foi a minha nestes anos acadêmicos. Turma que é exemplo de companheirismo, amizade e humanidade. VOCÊS NÃO EXISTEM!!

E por último gostaria de agradecer a você Simara, por ter sempre acreditado em mim, nunca duvidou e nem me deixava duvidar. Apesar de não estar mais aqui conosco, através das lembranças continuo a receber sua força e estímulo. Pois como diz o poeta: "Não importa o tempo e a distância, um dia eu volto a te encontrar, um dia a gente vai se encontrar." Eu não vou deixar de ouvir a voz que vem do coração. Si, pois é lá que você está debaixo de sete chaves.

INDICE GERAL

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
CONCEITO DE IDENTIDADE	11
CAPÍTULO II	
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL	16
2.1 - Fases do Desenvolvimento	18
2.1.1 - Fase Oral	18
2.1.2 - Fase Anal	19
2.1.3 - Fase Fálica	22
2.1.4 - Período de Latência	26
2.1.5 - Fase Genital	28
2.2 - Influências Sociais	29
CAPÍTULO III	
SEXO E EDUCAÇÃO	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Com o advento da revolução sexual, inúmeros aspectos vem emergindo de forma conflitante no que tange a conduta e postura do professor frente à as questões sexuais de seus alunos.

Posto serem ele os primeiros a não ter um preparo adequado a situações que se apresentam no cotidiano de sala de aula. Deveriam ser estes educadores o mais bem preparados possível, já que muitas vezes sua conduta ou sua postura, possam de fato acarretar sérios danos futuros a seus alunos. Em sua grande maioria isto se dá, devido ao fato destes profissionais não terem auto conhecimento, já que para eles próprios é difícil admitir que tiveram desejos reprimidos, seja pela escola ou pela família, estes adultos recusam-se a discutir, sobre o seu papel castrador e até sobre sua própria auto castração.

O profissional da educação não tem pois, no geral, consciência do seu papel na construção da identidade sexual da criança.

Sendo assim, como já foi dito, o professor desconhecendo o assunto e não tendo auto conhecimento, talvez seja um grande obstáculo para a construção da identidade sexual da criança, já que tem acumulado como nós todos, padrões introjetados e valores pelos quais vivemos. Segundo Rogers, Carl (1978, 234) na cultura de hoje, fantasticamente complexa, os padrões que introjetamos como desejáveis ou não desejáveis, vem de uma variedade de fontes e são, com frequência, altamente contraditórias nos seus

significados. E acrescenta mais o mesmo autor que **"desejos e acompanhamentos sexuais são, na sua maior parte, maus. As fontes dessa síntese mental são muitas: pais, igreja, professores"**.

Como se vê é importante o papel do professor neste processo de construção.

A família certamente ocupa o primeiro lugar como formadores neste processo, mas os educadores ocupam também um papel de suma importância no mesmo, quanto mais ainda em nossos dias presentes, nos quais as crianças passam quase que a totalidade do dia nas escolas, já que os pais trabalham o dia inteiro.

A sexualidade infantil existe. O reconhecimento deste fenômeno não se fez sem dificuldade, à época de Freud mas, agora, é ponto pacífico e ninguém teria a idéia de negá-lo. Entretanto, nos fatos, tudo ou quase tudo se passa como antes de Freud. Há com certeza algumas exceções mas o grosso das famílias e dos professores faz como se, efetivamente esta sexualidade não existisse, mesmo para eles próprios.

A criança tem portanto, bem antes da idade da procriação muitas curiosidades insatisfeitas, num universo escolar que parece ignorar com a maior naturalidade do mundo, tudo o que concerne à sexualidade. Jules Celma (1971, 103) no livro **"Diário de um Educastrador"** nos diz que **"a escola é um universo que não faz outra coisa senão exaltar, falar e mencionar o amor e etc"**. (ver a este respeito, os programas escolares)... não se pode constituir ilusões sobre esta geração que é mais alerta e precoce do que no

nosso tempo. **“Em geral, eles têm lá a sua ideazinha sobre a questão mas muitas estão mergulhadas em incertezas dolorosas e nem sempre benéficas”.**

Podemos constatar então que apesar dos progressos decisivos, que a psicanálise permite, a sexualidade infantil permanece ainda mal conhecida e as atitudes pedagógicas concernentes a ela permanecem frequentemente, em atraso em relação ao que nós já sabemos.

Vivemos em um clima erótico, clima difuso mas muito ativo e ao qual a criança é submetida ao mesmo tempo que a repressão. Uma verdadeira educação sexual deve começar por retirar toda culpabilidade e permitir a comunicação com o adulto.

Nossas crianças não são um rebanho, elas são distintas cada uma com sua personalidade e tendência. Cabe ao professor facilitar e ajudar essas crianças na construção de sua identidade sexual, ao invés de obstaculizar a mesma.

Caberia então ao profissional da educação, bem informando e bem resolvido, facilitar juntamente com a família (primeira formadora) na construção de adultos saudáveis que possam desfrutar normalmente de suas vidas sexuais, e que se sintam plenamente ajustados e confortáveis as mesmas, ou quem sabe então teremos uma grande massa de adultos que sejam insatisfeitos, neuróticos e reprimidos no campo sexual, apesar de poderem ser tudo isso e gozar sua sexualidade plenamente, seria muito

melhor que se somasse alguns efeitos nocivos que podem acarretar uma educação repressora.

Dadas as consequências pessoais e sociais de uma repressão excessivamente sistemática da sexualidade é mister que o educador consiga criar a possibilidade de abordar direta e francamente estes problemas com as crianças o que permitirá então o seguimento da evolução da mesma para um desabrochar mais sadio de sua personalidade. É um desafio do profissional, já que com isso ele mesmo terá que se conhecer, quebrar ou readaptar valores anteriormente introjetados em sua própria personalidade.

CAPÍTULO I CONCEITO DE IDENTIDADE

Para Aurélio Buarque de Holanda, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa, a **Identidade** é definida como conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão sexo, impressões digitais, etc. Já para Foulqué e Saint-Jean, no **Dictionnaire de la Langue Philosophique**, a **Identidade** é definida como algo, que traduz, por um lado, a **permanência** do objeto único ou do seu atributo, através das mudanças que produzem em si como em seu redor; por outro lado, exprime a **semelhança** de dois objetos distintos ou de tais ou quais aspectos de seus atributos. O termo vem do latim escolástico **identitate** e que pode ser definido como aquilo que caracteriza o que é **unum**, ou "único", e **idem**, ou "o mesmo" - **unum et idem est**. Essa definição parece corresponder à idéia da **permanência** explicitada por Foulqué e Saint-Jean, no sentido do objeto que é único e idêntico a si mesmo apesar das mudanças que possam ocorrer nele ou ao seu redor.

Segundo Malvina Muskat (1986, 19), "o termo **identidade** foi empregado pela primeira vez na literatura psicanalítica por um psiquiatra vienense pertencente à Sociedade Psicanalítica, Victor Jausk, num trabalho clássico, ao referir-se à necessidade do homem de experienciar-se e experimentar-se durante o seu processo de desenvolvimento. Freud em 1920, utiliza o termo pela primeira e única vez, por ocasião de um discurso proferido aos membros de uma sociedade judaica à qual pertencia, quando, identificando-se com o judaísmo, refere-se "a consciência clara de

uma identidade íntima, à secreta familiaridade de possuir uma mesma arquitetura anímica.” Refere-se pois a algo essencial, que consente em uma definição de uma relação íntima ou fundamental entre um indivíduo e seu grupo, associado à idéia de uma disposição anímica comum, um modelo psíquico, patrimônio, no caso, de um grupo étnico-cultural. Conforme o enfoque da definição acima exposta teríamos a idéia que expressaria o conceito pelo sentido da semelhança entre dois objetos distintos ou entre seus atributos. Essa visão se identifica com a proposta junguiana, que sugere a existência de material inconsciente herdado, de um patrimônio coletivo (arquétipo), segundo Jung, “sempre comuns a povos inteiros ou, pelo menos, a determinadas épocas.” O arquétipo seria a definição de Jung para o que Freud chama de “mesma arquitetura anímica”. Ele afirma em seu livro **Tipos Psicológicos (1974)**, que o mesmo pode ser entendido como “uma espécie de engrama que vai se sedimentando na memória a partir de uma vivência psíquica sempre corroborada, permitindo uma disposição anímica comum, que caracterizaria o fenômeno da intersubjetividade.”

Sobre Jung, Malvina Muskat (1986, 20) acrescenta que o mesmo

“também define Identidade como uma igualdade psicológica de caráter inconsciente. Inconsciente, porque o fenômeno da Identidade se define para ele, por uma ligação original arcaica e simbiótica, própria de um estado inconsciente primordial, onde não existe discriminação EU-TU, portanto de caráter coletivo. Para ele, o conceito de inconsciente coletivo pode ser ampliado

até uma experiência cósmica de identidade, num entrelaçamento mágico do homem primitivo com o mundo”.

Retomando pois a definição, **unum et idem est**, tentando analisar as duas definições acima expostas, segundo essa perspectiva, poderíamos dizer que, para esse autores, a conotação dada ao termo é a de compartilhar atributos essenciais - **semelhança de atributos** - , restringindo a definição de Identidade ao seu aspecto coletivo, sem relevar seu caráter de unum, ou seja, de único, individual.

Mais recentemente, outros autores como Erickson em **Identidade, juventude e crise (1972)** procuram estudar o desenvolvimento da Identidade no plano do indivíduo. No entanto, buscando salientar a importância do social no processo de desenvolvimento do Ego, Erickson dá ênfase ao papel da consciência e designa como **identidade do Ego** a experiência subjetiva de **“um Ego bem organizado dentro de uma realidade social”**.

Já Grinberg em **La identidad en el adolescente (1973)**, adota a denominação de **identidade do Self** como resultante de um processo em que se acha envolvida a **“totalidade da pessoa”**. Sua definição de **Self** leva-o, porém, a considerar a necessidade da existência de um Ego precoce que permita a vivência dos conteúdos deste **Self**:

O Ego é como um agente (...) receptor, organizador e efetor do Self.

Tanto um enfoque quanto o outro tendem a supervalorizar esse ou aquele nível de organização de personalidade total como responsável pelo processo, pensamos então numa abordagem monista fruto de uma dialética, abordagem que vemos claramente na descrição do processo de Individuação, que nada mais é que a busca da unidade na dualidade, a integração cada vez maior das diversas dualidades naturais do ser humano: consciente-inconsciente; mente-corpo, etc. Este processo definiria-se pela dialética **Ego-Self**, onde o **Ego** é um produto do **Self** na relação com o mundo, o mesmo garante uma compreensão da manifestação de fatores idênticos, configurando-se de forma única. Trata-se de um processo que engloba ao mesmo tempo, a diferenciação, em relação ao outro e a diferenciação em relação ao si-mesmo. A partir deste processo poderíamos definir Identidade, como uma experiência emocional que permite a cada ser perceber-se como entidade única e separada do Outro, que é ao mesmo tempo seu semelhante e como entidade única apesar de suas contínuas transformações. É portanto, através dessa dialética, através do constante confronto entre pares de opostos, que o arquétipo pode se "exercitar", promovendo a transformação sem a perda da unidade. A manutenção dessa unidade se deve à constante relação Ego-Self. Se ocorrer a cisão do eixo que mantém ligados esses dois centros, a unidade estará perdida. Segundo Muskat (1986, 24) a Identidade deve ser entendida como um **"complexo funcional"**, já que se trata de **"um agrupamento de conteúdos psíquicos carregados de afetividade, que se configuram e se modificam através da própria função"**.

A Identidade pode ser considerada em dois níveis diversos:

- 1 - ao nível do Ego, através das relações interpessoais, e que se distingue pelo seu carácter individual;
- 2 - ao nível do Self, cujo carácter é universal, garante sua existência e o constante desenvolvimento do nível 1 .

A unidade só pode ser garantida através da constante interação entre os dois níveis, se houver cisão, a mesma se perderá provocando distúrbios ao nível da Identidade.

CAPÍTULO II

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SEXUAL

O presente trabalho tem como referência teórica, a respeito do estudo feito, uma visão psicanalítica, sendo Freud seu referencial principal. A teoria de Freud é primordialmente desenvolvimentista. Para Lundin, (1979, 28),

“O processo total da formação da personalidade está intimamente relacionado com o desenvolvimento do instinto sexual. Ao contrário de muitos outros expositores de teorias da personalidade, Freud não aceita a noção de que a sexualidade começa na época da adolescência. Acredita, ao invés, que a sexualidade se desenvolve ao longo de uma série de fases começando muito cedo, desde o nascimento com o período oral.”

Vamos focar de forma reduzida apenas o concernente à sexualidade e principalmente a elaboração transicional da sexualidade.

O período de desenvolvimento correspondente ao escolar é designado pela psicanálise como período de latência. As etapas anteriores e a etapa posterior a esse período foram designadas como **FASES DE DESENVOLVIMENTO** (que desenvolveremos mais abaixo) e dentro do conceito de fase entende-se a existência de uma zona erógena dominante, dando modalidades específicas de fantasia, de relação e de defesas.

A designação período de latência especifica exatamente um momento intermediário entre as etapas infantis de organização da libido e a etapa adulta caracterizada pela fase genital. Neste momento, não há formação de novas modalidades de relações objetais, ou seja, não temos a organização de estruturas afetivas novas nessa etapa, mas temos os efeitos decorrentes da repressão da sexualidade infantil, promovida pelo encerramento do Complexo de Édipo e que traz como conseqüências uma diminuição das fantasias e das atividades sexuais. O aparecimento do pudor e das aspirações morais e estéticas está ainda correlacionado à superação do Édipo.

Durante as etapas anteriores de desenvolvimento, a fantasia infantil estava sempre centralizada em uma dimensão erótica oral libidinal específica, a qual servia de fonte energética, ou seja, de impulsos para que as correspondentes conquistas cognitivas e afetivo-sociais se realizassem. Por exemplo, vimos como o progressivo conhecimento e enamoramento pela mãe era dependente do prazer oral, como as conquistas corporais e sociais do segundo e terceiro anos estavam correlacionadas às vivências das fantasias anais, como a elaboração de papéis e da lei, em fantasias, estava modelada pela evolução do Complexo de Édipo. Com a solução da fase fálica, as modalidades básicas de relacionamento afetivo se encontram elaboradas. A sexualidade que permanece reprimida durante este período, aguarda a eclosão da puberdade para ressurgir. Enquanto a sexualidade permanece dormente, as grandes conquistas da etapa situar-se-ão nas realizações intelectuais e na socialização. É por isso que este é o período típico do início da escolaridade formal ou da profissionalização do mundo.

2.1 - FASES DO DESENVOLVIMENTO

Para Lindzey (1974, 67) em Teorias da Personalidade afirma que Freud

acreditava que a criança passa por uma série de fases dinamicamente diferentes, durante os cinco primeiros anos de vida, seguida de um período de cinco a seis anos - período de latência - em que essa dinâmica se estabiliza. Com o advento da adolescência, essa dinâmica irrompe novamente para estabilizar-se à proporção que o jovem caminha para a vida adulta. Para Freud, os cinco primeiros anos de vida são decisivos na formação da personalidade."

Freud escreveu sobre as referidas fases, que para ele referem-se ao desenvolvimento psicosssexual, e que iremos sucintamente expor.

2.1.1 - Fase Oral

A primeira satisfação que o impulso sexual recebe, no recém-nascido, ocorre com a atividade da boca, especialmente com a de sucção, e, em seguida, com a de morder. Há outras espécies de atividade oral como engolir, manter coisas na boca, cuspir. A fase oral domina o primeiro ano de vida. O processo de desmame é de particular significação, e muitas frustrações podem ter começo neste período. Talvez não se permita ao recém-nascido mamar durante um tempo suficientemente longo, ou o desmame é abrupto, ou a mãe se preocupa demasiadamente com a alimentação do filho.

Essas dificuldades podem deixar suas marcas na personalidade futura. Durante essa fase surgem sentimentos de dependência que tendem a persistir pela vida afora, surgindo toda vez que a pessoa se sente ansiosa e insegura. Freud acreditava que o extremo sintoma de dependência seria o desejo de retorno ao útero materno.

2.1.2 - Fase Anal

Durante o segundo ano de vida a ênfase se desloca para a área do ânus. Agora, as satisfações psicosssexuais são obtidas através dos processos de expulsão. Algumas vezes, a estimulação provém de um movimento efetivo do intestino na evacuação. Outras vezes, a presença de fezes no intestino é também fonte de satisfação, provocando a sua retenção ou prisão-de-ventre. Segundo Lindzey (1974,68) ***“o método educativo e a maneira pela qual a mãe encara a eliminação das fezes podem produzir efeitos prolongados na criança, no que respeita à formação de traços e de valores específicos.”*** Quando a mãe é muito rigorosa e repressiva nos seus métodos, a criança pode reter as fezes e constipar-se. Quando esse modo de reagir se generaliza a outras formas de conduta, a criança pode adquirir o caráter de retenção. Ela pode tornar-se obstinada e avarenta. Sob medidas repressivas intensas a criança pode reagir expelindo fezes em horas impróprias. Este é o ***“protótipo de todas as espécies de traços expulsivos - crueldade, destrutividade desenfreada, explosões e outros atos desordenados”*** como nos afirma Lindzey (1974, 69). Por outro lado, se a

mãe insiste com a criança para defecar, e a elogia excessivamente quando o faz, a criança pode adquirir a noção de que o ato de evacuar é extremamente importante. Essa noção pode ser a base da criatividade e da produtividade. Inúmeros outros traços de caráter podem ter sua origem no estágio anal e o profissional da educação atualmente tem papel notadamente importante, pois, já como foi dito anteriormente, a escola, visto que as crianças passam quase que a totalidade de seus dias nela, passou a desempenhar praticamente o papel dos pais, assim sendo as crianças entram em uma instituição ainda de fraldas e lá caberá, ao educador, "educá-los", no que concerne à fase anal. Se há um tempo em que essa queda de braço entre as vontades do indivíduo e as da cultura é explícita, esse tempo é a fase anal. Os pais e educadores vivem em uma cultura que determina que as pessoas "não urinem nem defequem" fora de regulamentos. Para Francisco Daudt da Veiga (1992, 46)

"A repugnância aos excrementos é algo natural, instintivo? A capacidade de tê-la, seguramente sim, mas ao que ela se aplica, não, não é. É cultural, e portanto adquirido, uma criança de um ano brincará com as suas próprias fezes (ou com as dos outros) sem a menor restrição".

A pureza é uma das consequências abstratas do aprendizado da higiene na fase anal, ela é um conceito abstrato de limpeza. A partir do aprendizado de que existe sujeira e limpeza, e da obrigação moral da limpeza, surge um conceito abstrato também de valor moral, conceito que poderá acarretar consequências nocivas na idade adulta, chamado "pureza". A própria linguagem reforça essa aprendizagem que a cultura insiste em manter,

Daudt, afirma que o controle dos esfíncteres pode representar o controle moral e continua dizendo

“Que o controle moral é o controle da ‘coisa ruim’ que existe na gente (a merda). A língua portuguesa refere-se a isso quando chama a pessoa de mau-humor, com a raiva contida, de ‘enfezado’ (cheio de fezes). Quando alguém não conteve sua raiva e deu a elas essa expressão explosiva que costuma suceder a uma longa contenção diz-se que “jogou merda no ventilador”. O ensinamento que une os dois controles poderia ser traduzido assim: ‘Para você ingressar na sociedade tem que aprender a conter suas coisas ruins, aquilo que é feio’. Aí estão as fezes categorizadas de feias e ruins para uma criança que as tinha em boa conta, como parte dela mesma. Agora ela sabe que tem coisas ‘feias e ruins’, partes a ocultar.”

A alternativa que os pais e educadores poderiam dar à criança, é a de proporcionar o aprendizado das mesmas de uma linguagem social eficaz de lidar com as excreções e de lidar com raiva.

Os pais e educadores devem entender e perceber que o controle dos esfíncteres é algo que a criança tem como capacidade, de que toma posse para seu uso, se bem assessorada. Os educadores têm que se conscientizar de que a criança evacua e urina em seu próprio interesse e não para atendê-los. Saber de seus horários, se controla as fezes antes da urina, se a urina do dia é maior que a da noite, etc, são dados que ajudam nesse assessoramento. E ajudam a exigência cultural do controle dos esfíncteres ser

um fato mais simples e vantajoso para ambas as partes, a criança e a cultura, e não o drama carregado de valores simbólicos sinistros que costuma ser e torna a criança ativa de suas capacidades e não de sua passividade frente ao peso do mundo externo.

2.1.3 - Fase Fálica

Quando a criança toma conhecimento dos seus órgãos sexuais, a atenção se volta para os mesmos. O menino pode conseguir satisfação sexual afagando ou manipulando o pênis. Durante essa fase do desenvolvimento da personalidade, surgem sensações sexuais e de agressividade associadas ao funcionamento dos órgãos genitais. Os prazeres da masturbação e da vida de fantasia da criança que acompanham a atividade auto-erótica, preparam essa fase para o aparecimento do Complexo de Édipo. Freud considerava a identificação do Complexo de Édipo uma das suas maiores descobertas. O Complexo de Édipo tomou esse nome da peça clássica de Sófocles, (Édipo, o Rei) na qual Édipo mata o pai e casa-se com a mãe; Freud tomou-o como exemplo.

Durante o Complexo de Édipo a criança deseja manter relações sexuais com o genitor do sexo oposto. O menino deseja possuir a mãe e afastar o pai, e a menina deseja possuir o pai e afastar a mãe. Esses sentimentos aparecem nas fantasias da criança no ato da masturbação e na alternância das ações e sentimentos de amor e de ódio em relação aos pais. Para Lindzey (1974, 69)

“O comportamento da criança de 3 a 5 anos é assinalado, em grande parte, pela operação do Complexo de Édipo e, embora se modifique e sofra a repressão posterior aos 5 anos, permanece como força vital da personalidade por toda a vida”.

As atitudes para com as pessoas do sexo oposto e pessoas que representem autoridade são, em grande parte, condicionadas pelo Complexo de Édipo.

A história e o destino do Complexo de Édipo diferem para homens e mulheres. O desejo incestuoso do menino em relação à mãe e seu ressentimento contra o pai produzem conflitos familiares, o menino imagina que seu rival vai castigá-lo, o medo da punição circunscreve-se aos órgãos genitais. Estes são a fonte dos desejos incestuosos, e o menino tem medo que seu pai, por ciúme, venha a tirar-lhe o pênis. O complexo da castração segundo Freud, é que vai fazer com que o menino reprima o desejo sexual em relação à mãe, bem como a hostilidade em relação ao pai. Essa situação leva o menino a se identificar com o pai e a transformar seu sentimento erótico em terna afeição para com a mãe. Já o ocorrido com a menina é que o Complexo de Édipo se manifesta pela intensidade de seu amor ao pai. Inconscientemente ela deseja dar à luz a um filho dele, e passa a odiar a mãe, que a trouxe ao mundo e lhe negou um pênis; nas meninas o complexo de castração dá início ao do Édipo. O Complexo de Édipo nas meninas não é tão fortemente reprimido como nos meninos. Essas diferenças dos Complexos de Édipo e de castração constituem o fundamento psicológico das diferenças entre os sexos. E a questão da homossexualidade? Para Freud todas as têm

uma herança bissexual. Cada sexo manifesta atração por membros do mesmo sexo e do sexo oposto. Essa seria a base constitucional da homossexualidade.

Para Lindzey (1974, 71)

“em muitas pessoas os impulsos homossexuais permanecem latentes. Essa bissexualidade complica o Complexo de Édipo produzindo catexis sexual pela pessoa do mesmo sexo (pai ou mãe). Consequentemente, os sentimentos do menino em relação ao pai e os da menina em relação à mãe são mais ambivalentes do que univalentes. A existência da bissexualidade tem sido provada por investigações sobre as glândulas endócrinas, cujas conclusões mostram que os hormônios sexuais, tanto masculinos quanto femininos estão presentes em ambos os sexos.”

O aparecimento e o desenvolvimento dos complexos de Édipo e de castração constituem as principais ocorrências da fase fálica, as quais deixam importantes resíduos na personalidade.

Uma das características da fase fálica é a tomada de conhecimento, pelas crianças, de seus órgãos genitais e que elas podem obter prazer manipulando-os, o que nos reporta a um assunto que desagrade e traz desconforto aos pais e educadores, pois em sua grande maioria não sabem como lidar com a masturbação. Ela representa para pais e alunos um desafio à autoridade, uma falta de respeito, um insulto, um desregramento.

Francisco Daudt da Veiga (1992, 64) nos diz o seguinte sobre o tema:

“Havendo este choque com a cultura da tirania, a fase fálica, ficará representada de maneira abstrata na criança através do jogo de domínio - submissão. Por que? Por causa da própria masturbação. Estou falando da masturbação como a prática auto-erótica genérica. Já vimos que uma criança pode se dar prazer chupando o dedo ou a chupeta, como também retendo e soltando as fezes e a urina. No primeiro caso a masturbação é visível, tem sempre um adulto para regular. ‘Chupando dedo, que feio. Você já é uma mocinhal’ No segundo é invisível exceto quando ocorre um escape. No caso que vamos ver agora, não é só visível como produz uma reação cultural máxima. Imagine a reação da família com visitas na sala frente ao filho de quatro anos que chupa o dedo. Agora imagine o mesmo menino se masturbando. Para que as visitas na sala? Para que elas reforçassem a pressão da cultura através da idéia de ‘o que os outros vão pensar de nós’.”

Por que o combate da cultura à masturbação dos genitais é tão maior do que à masturbação oral? Isto nos causa curiosidade, pois vemos que a masturbação oral está completamente incorporada à nossa cultura, o que mais vemos por aí, em festas sobretudo, são adultos fumando, comendo e bebendo desenfreadamente. Acontece que em primeiro lugar os adultos só reconhecem como sexuais as práticas genitais. Sexualidade infantil é sinônimo de crianças masturbando seus genitais ou brincando com os da outra. Em segundo lugar, a prática sexual adulta, em nossa cultura, se tornou uma questão política das mais complicadas. O desejo sexual está impregnado de correlações de poderes entre as pessoas tais como: a sedução, a conquista, a aquisição, a posse, a propriedade, a superioridade, o domínio, etc. Existem

também ligadas ao desejo sexual conotações negativas como: transgressão, libidinagem, submissão, ciúmes, adultério, prostituição, homossexualismo, promiscuidade, devassidão, leviandade. É uma lista bastante grande mas, são suficientes para se saber que uma criança que se masturba vai mexer em casa de marimbondo do adulto.

Com que direito podemos dizer às crianças que não podem se masturbar, já que para elas, nessa idade, os valores morais não fazem o menor sentido. A vergonha e o pudor já estão de tal forma arraigados em nós, que esquecemos que eles não nasceram incorporados. São regras de fora, que viraram sensações. Por isso, domínio - submissão é o jogo resultante entre a criança e a cultura na fase fálica. A criança tem direito à masturbação, e se lhe dermos esse direito, não mais será um confronto obsessivo, mas uma descoberta. Segundo Daudt (1992, 71)

"A privacidade, um instrumento dessa descoberta, que a criança percebe servir tanto a ela quanto aos adultos. Um pai pode avisar ao filho que se masturba: 'cuidado, não se exponha, as pessoas podem te maltratar por isto', ao invés de dizer: 'Você me insulta, eu te proíbo'."

2.1.4 - Período de Latência

Quando verificamos que é impossível satisfazer nossos desejos edipianos, o processo acaba normalmente, sendo resolvido pela repressão. Em virtude desta repressão ocorre uma supressão generalizada dos impulsos do sexo e principia o período da latência. Para Lundin (1979, 30)

“esse período, em geral, corresponde aos anos de escola, nos quais há um antagonismo generalizado das crianças contra membros do sexo oposto. Os meninos identificam-se com os pais ou com outras figuras masculinas e não querem nada com as meninas. Estas julgam que os meninos são um bando de brutos e não querem saber deles”.

O período de latência, decorrente que é dos processos repressivos desencadeados com a transposição do Édipo, tem sido tradicionalmente visto pela psicanálise como uma etapa de dormência da sexualidade. Isto não significa que a sexualidade desaparece magicamente, sendo retomada apenas pelos apelos hormonais da adolescência. Estamos nos referindo à um período onde a sexualidade não sofre novas reestruturações, e os modelos estabelecidos com a solução do Édipo permanecem os mesmos durante a etapa, sejam eles evolutivamente normais, sejam vivências parciais e patológicas. Nos referimos também a uma etapa onde a sexualidade não surge à consciência como elemento dominante, ou seja, ou ela empresta sua força ao pensamento, através das sublimações, ou surge através de sintomas.

Nas crianças em idade escolar a organização sexual aparecerá em primeiro lugar através de uma forma defensiva típica do período, que é a forma reativa, e em segundo lugar aparecerá como elemento a ser elaborado no plano simbólico, notadamente através das canções, dos jogos, rituais e dos contos de fadas.

A criança em idade escolar não elimina a vivência das fantasias sexuais, mas não as vive de forma direta nem em fantasia, nem em realidade. Ela as elabora em um campo intermediário, onde os temores podem ser explorados e amainados e onde os desejos podem ter uma realização simbólica, num processo muito parecido com a realização mágica de desejos, ocorrida nos sonhos, ao nível dos processos primários.

Na realidade toda criança - sã e normal - emprega a duração do período de latência para liquidar certos problemas, que são de sua infância anterior.

2.1.5 - Fase Genital

Segundo Lindzey (1974, 71)

“as catexis dos períodos genitais são narcisistas quanto ao seu caráter. Isso significa que o indivíduo tem satisfação ao estimular e manipular o próprio corpo. Na adolescência esse amor assim mesmo, é canalizado para escolhas objetais genuínas”.

Nessa fase surgem a atração sexual, a socialização, as atividades de grupo, o interesse profissional, a preparação para o casamento e a preocupação em constituir família, a fase genital continua pelo resto da vida, pelo menos até que chegue a decrepitude.

A pessoa deixa de ser uma criança narcisista em busca do prazer para se tornar um adulto socializado, orientado para a realidade.

Não se deve pensar, contudo, que os impulsos pré-genitais são substituídos pelos genitais, as fases oral, anal e fálica se fundem e se sintetizam na fase genital. A principal função biológica do estágio genital é a reprodução. Embora Freud tenha estabelecido distinção entre as quatro fases, não afirma haver fracionamento entre elas. A organização final da personalidade representa a contribuição das quatro fases.

2.2 - INFLUÊNCIAS SOCIAIS

Money e Tucker (1981 , 77) dizem que ao nascermos somos rotulados como menino ou menina, nosso sexo é registrado em nossas certidões de nascimento, mas isso é apenas mais um elo na cadeia da identidade sexual. A partir de então nos escolhem o nome, de acordo com o sexo registrado, nos vestem com roupas masculinas ou femininas, somos ele ou ela. Isto se constitui numa pressão incansável.

Segundo os autores supracitados

“não há como evitar a encruzilhada da identidade sexual. É praticamente impossível a pessoa desenvolver qualquer senso de identidade sem identificar-se como homem ou como mulher.” (Money e Tucker, 1981, 80)

Adquirimos a identidade sexual mais ou menos da mesma maneira que adquirimos, por exemplo, a fala.

Temos todos os recursos naturais para falarmos, mas necessitamos de estímulos liberadores de um exemplo ambiental e este deve vir no momento certo de nossas vidas.

Pelo fato da identidade sexual diferenciar-se antes que a criança possa falar, pressupõe-se que ela seja inata. Mas não é. Nascemos com algo que irá se tornar nossa identidade sexual. Estamos ligados, mas não programados, para nossa identidade sexual, no mesmo sentido que estávamos ligados, mas não programados para a língua. A nossa identidade sexual não poderia diferenciar-se como masculina ou feminina sem estimulação social. A interação entre a nossa predisposição inata para determinado sexo e os sinais que recebemos nesse sentido nos primeiros anos de vida pós-natal nos possibilitaram a identificação como homens ou mulheres. Além disso, o sexo com o qual nos identificamos tornou-se nosso sexo natal, não importando o que fizéssemos, ou o que quer que o destino nos reservasse depois. O portão de identidade sexual fecha-se firmemente depois de ultrapassado. Qualquer que fosse a situação dos cromossomas, hormônios, órgãos sexuais e individualidade, o impulso deles não pode competir com as pressões sociais quando se trata de diferenciar a identidade sexual.

Assim sendo quando nos identificam como homens ou como mulheres elaboramos modelos internos masculino e feminino (os esquemas) e conceitos sobre o que significa ser homem ou mulher.

Quando nascemos, estes esquemas, ou estruturas mentais, começam a formar-se no cérebro, baseados na observação, treino, percepção e em nossa própria experiência. Recebemos os contornos de nossa família imediata: primeiro de nossas mães, depois de nossos pais, irmãos e irmãs, ou de quem quer que participasse de nossas relações; à medida que nos expandimos, a influência passou a vir de segmentos mais amplos da sociedade. Um desses esquemas nos diz como devemos nos relacionar com as pessoas do mesmo sexo e o que esperar de nós mesmos. O outro nos diz o que esperar e como reagir às pessoas do sexo oposto.

Juntos, esses esquemas definem em grande parte a nossa identidade sexual.

CAPÍTULO III

SEXO E EDUCAÇÃO

As opiniões mantidas pelos adultos civilizados quanto à moral sexual são frequentemente muito diferentes daquelas que gostariam que ensinassem a seus filhos. Existe um código moral tradicional ainda aceito, com toda a sinceridade, por um segmento da população, mas aceito por outros apenas nominalmente, ou por uma questão de respeitabilidade. Seja qual for a opinião adotada quanto à moral sexual correta para adultos, há certa quantidade de questões referentes à educação sexual das crianças que podem ser consideradas com base no bom senso e psicologia, comumente essa educação é deixada a cargo de pessoas ignorantes, hipócritas e de horizonte limitado, geralmente suas opiniões sobre sexo são veementes, mas equivocadas.

O profissional da educação por exemplo, deve exibir "elevados princípios morais", sobretudo para decidir quanto a questões práticas pelo preconceito tradicional mais que pela psicologia. ***"Muitos deles devem pensar que a psicologia do sexo infantil é assunto repelente, um assunto ao qual é bom ser ignorante. Quando às danosas consequências de sua ignorância, permanecem eles em beatífica inconsciência"*** segundo nos acrescenta Bertrand Russel (1978, 96) e continua o mesmo nos dizendo que

"em sua grande maioria, as crianças, por volta dos dois anos de idade, já foram ensinadas a considerar suas partes sexuais de forma supersticiosa, de certo modo misterioso e temível e precisando de ser tratadas de um modo muito especial"

Ensina-se a essas crianças que mencionem suas necessidades naturais num sussurro, ou por um sinônimo, e se são vistas mexendo em partes de seus corpos que se considere intocáveis ouvem severas reprimendas. A masturbação é quase-unânime entre crianças muito pequenas, e é geralmente coibida com ameaças. Perturbações nervosas mais tarde são frequentemente devidas às ameaças quanto às consequências da masturbação pelas quais as crianças são aterrorizadas. A verdade é que as ameaças quanto às más consequências da masturbação não raro levam à loucura, mas a masturbação em si, na medida em que completamente ignorada pelos adultos, quase não é nociva, sobretudo na infância.

É importante que as informações sobre assuntos sexuais sejam dadas no mesmo tom de voz e do mesmo modo, como as informações sobre outros assuntos. E devem ser dadas com a mesma franqueza, sem rodeios, não se deve agir como certa escola de pensamento que nos reporta Russel (1978, 98) dizendo:

“Há determinada escola de pensamento para qual as crianças devem primeiro ser informadas sobre o amor das flores, e depois sobre as inocentes travessuras das lagostas, e só depois de um longo prefácio biológico, sobre a conduta de seus próprios pais que a essa altura pensarão exigir isso como uma complicada desculpa”.

Somente adultos mal estruturados irão sentir necessidade desse longo prefácio. Para a criança, se já não estiver imbuída pelos preconceitos dos mais velhos, o sexo é um assunto tão natural como qualquer outro. Se os pais e professores se sentirem incapazes de falar naturalmente sobre esse

assunto, devem permitir que alguém que não esteja amarrado à convenções e inibições os informem sobre o assunto. Antes da puberdade não há dificuldade alguma em fazer com que uma criança continue tendo uma atitude natural quanto ao sexo e a encará-lo precisamente como encara outros assuntos. Tal atitude seria o ideal a se ter em vista ao longo da vida, mas após a puberdade torna-se difícil atingi-lo. Vemos pois, que a dificuldade mesmo após a adolescência, será muito menor se as crianças forem educadas sadiamente, sem que suas mentes sejam entulhadas de terrores e tabus irracionais.

É importante em todo o trato com as crianças evitar que elas adquiram a noção de que o sexo é algo inerentemente sujo e escondido, temos que ter em mente que a sexualidade é, no ser humano, preexistente a toda educação. A educação não faz tudo, mas gostaria de poder fazer tudo. Segundo Jules Celma (1971, 126),

“a sexualidade não é boa nem má e penso que pronunciar essas duas palavra no seu lugar já falseia os fenômenos naturais. Ora, nós recebemos de todos os séculos cristãos, dos quais alguns valem por dois, uma mentalidade particular da qual temos dificuldade de nos livrar. O homem é, em princípio, um pecador. Ele deve procurar se elevar. Onde uma hierarquização vertical dos valores humanos: Deus, o Anjo, a Alma... etc. ... embaixo: A Besta, o Diabo, o Corpo... Daí ainda solidamente enraizada, mesmo nos não-católicos, mesmo em muitos livre-pensadores: a criança tem em si as coisas que não são boas: a sexualidade, a agressividade, os apetites, que vêm do seu corpo. Estas tendências são más e é preciso reprimi-las. É preciso inculcar o que lhe permitirá se elevar”.

Assim, apoia-se à sua personalidade uma grandeza obrigatória que não vem dela, lhe é inculcada. E assim fazendo, pretende-se trabalhar para o futuro do mundo.

A idade mais propícia para esta **formação** é, evidentemente a primeira e tenra idade, e o adulto tenta, demasiadamente cedo, com muita frequência, para ser compreendido, impor à criança, sua própria visão das coisas. Isto constitui, na nossa opinião, uma falta de respeito aterradora que se pratica cotidianamente. Ouvimos com certa frequência frases do gênero: a criança é má, ela tem malícia, é preciso ter rigor, castigá-la para que aprenda.

Não resta dúvida que certos temas são de difícil abordagem entre aprendizes e seus educadores, em particular a sexualidade; há que ser colocado publicamente aos responsáveis pela educação a questão do tratamento da sexualidade infantil e de sua socialização.

Creemos que a solução não reside em um sistema ou em uma sequência de procedimentos. Ela é difícil, ela representa uma procura constante e não pode ser, portanto, satisfatória para as pessoas que gostam das coisas bem definidas e em seus lugares. Ela reside, em nossa opinião no respeito ao ser humano ainda não moldado pelo mundo: a criança, respeito que passa, obrigatoriamente, pelo respeito a si mesma. Não basta apenas pregar o respeito, é preciso praticá-lo, quer dizer, questionar profundamente nossa própria atitude, em relação aos outros, todos os outros, portanto, também as crianças. Achamos que não respeitamos a criança nem a nós mesmos, quando nos erigimos em juizes ou em educadores castradores.

CONCLUSÃO

Este estudo abrange aspectos psicológicos, sociológicos, éticos, morais e filosóficos, relacionados ao fenômeno educacional, visando à compreensão da problemática da criança no que tange à sua sexualidade, bem como oferecendo propostas de possíveis soluções para o equacionamento da situação do educador frente ao processo de construção da identidade sexual da criança e, em especial, a questão da falta de conhecimento e auto-conhecimento do profissional da educação frente à sexualidade infantil e à sua própria sexualidade.

O indivíduo deve ser observado como um processo que se desenvolve em um ambiente que ele ao mesmo tempo modifica e pelo qual é modificado também.

Esta influência ambiental é contínua sobre a sua atividade física e mental. Personalidade e meio formam o binômio inseparável, daí porque seria ilusório e perigoso pretendermos considerar o indivíduo em si mesmo, sem tentarmos analisar o meio onde vive. Mostramos, nesse estudo, que o indivíduo recebe dos ancestrais um conjunto de atributos psíquicos e morais através de herança, mas compete ao ambiente, (estando o educador inserido no mesmo, como peça fundamental) com suas solicitações, favorecer a expansão de alguns atributos e impedir o desenvolvimento de outros.

O principal cuidado dos pais e educadores parece ser o de evitar orientações externas (que se contraponham a seus valores introjetados, arcaicos, repressores e castradores) na educação dos filhos. Assim, tanto

são prejudiciais a repressão e a castração quanto o liberalismo externo e a indiferença, os quais são forças opostas, mas cada uma delas agindo no mesmo sentido: a do desajustamento e desconforto sexual futuro dos filhos e aprendizes.

De qualquer forma, há erros e lacunas.

Não é demais repetirmos nestes comentários um aspecto importante referido na literatura sobre a influência da família e da escola no processo de construção da identidade sexual da criança; como vimos todos nós, em algum momento, tomamos por modelos as pessoas que nos parecem mais capazes de satisfazer seus desejos do que nós.

Tudo indica pois, que temos que procurar ter em nosso meio escolar profissionais bem informados e bem estruturados na área da sexualidade, para podermos assim corresponder aos anseios e conflitos de nossas crianças.

Com esse trabalho, não nos detivemos, apenas, em cumprir uma exigência acadêmica, mas em refletir criticamente sobre nossa prática no sentido de fundamentarmos nossas perspectivas de ação.

BIBLIOGRAFIA

- BLEGER, J. La Identidad en el Adolescente Buenos Aires, Paidós, 1973.
- CARMICHAEL, Leonard. Manual de Psicologia da Criança, organizador: Paulo H. Mussen. São Paulo, EPU, 1975.
- CELMA, Jules. Diário de um Educastrador. Tradução de Elizabeth Kaphan. São Paulo, Summuns Editorial, 1979.
- ERICKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Tradução de Álvaro Cabral. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972.
- JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. Tradução de Álvaro Cabral, 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974.
- LAMBERT, Willian W. Psicologia Social. Tradução Dante Moreira Leite, 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- LINDZEY, Gardner. Psicologia. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S.A., 1977.
- _____. Teorias da Personalidade. São Paulo, E.P.U., 1974.
- LUNDIN, Robert W. Psicologia da Personalidade. Tradução de Procópio Augusto Ferreira Júnior. 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- MUSKAT, Malvina. Consciência e Identidade. São Paulo, Ed. Ática S. A., 1986.
- ROGERS, C. Liberdade Para Aprender. Tradução Edgar G. da M. Machado. 4ª ed., Belo Horizonte, Interlivros, 1978.
- RUSSEL, Bertrand. Educação e Ordem Social. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

SCHRAML, Walter J. Introdução à Psicologia Profunda para educadores. São Paulo, EPU / Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

TUCKER, Patrícia. Os Papéis Sexuais. Tradução George Schlesinger, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

VEIGA, Francisco Daudt da. Criação segundo Freud. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.